

# UMA TRAVESTI, UMA PUTA E UMA PRETA: AS DIVERSAS VOZES QUE REINVIDICAM SEU ESPAÇO NA LITERATURA.

Bruna Gabriella Santiago Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste trabalho analisaremos as aproximações entre obras: *E se eu fosse pura?*, *Putafeminista* e *Olhos D'água*, da Amara Moira, Monique Prada e Conceição Evaristo, respectivamente. Como a a partir de lócus sociais e estilos literários distintos, essas mulheres reinvidicam seu *lugar de fala* e contribuem para a construção de imagens autodefinidas para os grupos aos quais elas pertencem. Para tal, utilizamos o conceito de *autodefinição* da Patrícia Hill Collins e *empoderamento*, a partir de uma perspectiva do pensamento feminista negro. Trazemos, ao fim deste trabalho, a importância das obras no que tange o empoderamento feminino de mulheres que fazem parte de grupos sociais marginalizados.

Palavras-chave: Empoderamento, Literatura feminista, Lugar de fala, Autodefinição.

## INTRODUÇÃO

As mulheres durante muito tempo foram retratadas, estudadas, analisadas e descritas por homens. No vasto campo literário e historiográfico ocidental, vemos a dicotomia do que seria essa mulher construída pela narrativa masculina. Em diversos momentos, nos deparamos com a construção de um ideal de pureza, subserviência, do dom nato para a maternidade, para o amor e os afezeres domésticos, neste lado, em sua maioria, se têm a representação de uma mulher branca, cis, mãe, religiosa.

Em contrapartida, tudo o que destoa desse imaginário, que estiver “do outro lado”, seria o impuro, o patológico, visto como algo que não corresponde aos padrões do que é ser uma “mulher de verdade”. Dentre esses grupos de mulheres que foram vistas como “anormais” estão as mulheres negras, as prostitutas e as travesties. Em comum, essas mulheres em diversas temporalidades históricas, foram vistas como subhumanas, animais e doentes. Perseguidas pela religião e pela ciência, elas foram estigmatizadas por inúmeras imagens de controle, que as colocam até a atualidade na margem da sociedade.

E se essas mulheres pudessem escrever? Se elas pudessem narrar suas experiências? Pudessem escrever uma autobiografia, um ensaio sobre prostituição ou um livro de crônicas que fale de suas experiências enquanto mulheres pertencentes aos grupos marginalizados? O

<sup>1</sup> Graduanda pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. [bruna\\_gabby@hotmail.com](mailto:bruna_gabby@hotmail.com).

que mudaria? Como elas construiriam uma imagem de si? Como tratariam os grupos aos quais pertencem?

Em um primeiro momento, desenvolvemos a partir da análise da historiadora Michelle Perrot, uma reflexão sobre como as mulheres foram retratadas na história e na literatura ocidental, e como se faz necessário romper com essas construções imagéticas sobre o que é ser mulher.

Posteriormente, procuramos discutir como grupos de mulheres que são lidas na sociedade como *outras* buscam resignificar e combater as *imagens de controle*, construídas por uma sociedade sexista, racista e lgbtfóbica. Para isso, nos valem do conceito de *autodefinição* da Patrícia Hill Collins e o conceito de empoderamento, a partir da resignificação da epistemologia feminista negra.

Por fim, nos propomos a apontar as aproximações das obras: *E se eu fosse pura?*, *Putafeminista* e *Olhos D'água*, da Amara Moira, Monique Prada e Conceição Evaristo, respectivamente. Como a partir de lócus sociais e estilos literários distintos, essas mulheres reivindicam seu *lugar de fala* e contribuem para a construção de imagens autodefinidas para os grupos aos quais elas pertencem.

Dito isto, esperamos trazer algumas reflexões e questionamentos – mais do que respostas - sobre o poder da autodefinição que trazem as obras dessas mulheres, uma travesti, uma prostituta e uma preta, que questionam a narrativa hegemônica sobre seus corpos.

## **“POETAS E PINTORES CANTAM A MULHER NA MESMA PROPORÇÃO DA SUA MISOGINIA”.**

Pensar a escrita das mulheres no século XXI é pensar uma reivindicação e reescrita da história e da literatura. Até pouco tempo, as imagens femininas eram profundamente marcadas por três movimentos: o silenciamento, o discurso médico e as representações estereotipadas sobre o papel da mulher em nossa sociedade.

A historiadora, Michelle Perrot, aponta que a produção historiográfica e literária no ocidente tem em seu centro o discurso do homem branco que alimenta a criação de mitos e padrões que caracterizam o que “é ser mulher”. Essas mulheres aparecem nessas escritas de forma difusa e suas imagens transitam entre a potência da eterna Eva: a origem do mal, a mãe com uma ideia de função natural das mulheres para ser cuidadoras, a musa e a piedosa. Ao discutir sobre esses estigmas a autora diz que:

Essas imagens povoam nossos sonhos, irrigam nosso imaginário, tramam a literatura e a poesia. Pode-se amar sua beleza, mas recusar sua pretensão de também contar a

história das mulheres, mascarada sob os traços de uma dramaturgia eterna – em qualquer lugar, sempre, o coro das mulheres – e de uma simbologia congelada nos papéis das alegorias. (PERROT, 2017, 200).

Neste sentido, durante muito tempo, as mulheres alimentaram as crônicas da pequena história, fazendo parte de uma construção narrativa que as imobilizava em uma história privada do cotidiano, sendo relegadas ao papel de coadjuvante da história e da literatura. Perrot afirma que “Poetas e pintores cantam a mulher na mesma proporção de sua misoginia” (PERROT, 2017).

Entendemos que as imagens das mulheres no campo literário foram definidas por homens que contribuíram para a construção e manutenção de estereótipos sobre os corpos femininos. No entanto, esse campo passa por grandes transformações, especialmente, em meados do século XX e início do século XXI. As versões unilaterais sobre a história das mulheres e suas representações na historiografia e literatura passam a ser questionadas, e cada vez mais, se faz necessário buscarmos na história outras vozes que distoem dos discursos hegemônicos masculinos, como aponta Chimamanda Adchie Ngozi:

Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre lugar nenhum, nós reconquistamos um tipo de paraíso. (ADICHIE, 2010)

## “EU SOU QUEM DESCREVE A MINHA PRÓPRIA HISTÓRIA”: AUTODEFINIÇÃO E EMPODERAMENTO.

A epistemologia feminista negra tem em sua gênese a busca por “uma voz” autodefinida das mulheres negras, voz que é constituída em oposição ao discurso de uma sociedade racista, sexista e classista. Essa busca por uma voz que se inicia no âmbito individual e que tem reflexo no grupo de maneira coletiva é definida pela Patrícia Hill Collins como um processo de autodefinição. Este é caracterizado por uma oposição às imagens de controle<sup>2</sup> que são construídas pelo discurso hegemônico e que serão substituídas pelas imagens autodefinidas pelas mulheres negras.

Quando essas expressões de consciência individuais são articuladas, discutidas, contestadas e agregadas de maneiras que refletem a heterogeneidade da condição da mulher negra, uma consciência coletiva de grupo, empenhada em resistir a opressão, torna-se possível. (COLLINS, 2019, 84).

---

<sup>2</sup>Patrícia Hill Collins nos traz três imagens que são reminiscências da escravidão e que são usadas para justificar as opressões aos corpos femininos negros; as *mammies* que são as amas de leite, babás pretas; as *jezebéis* que mulher negra promíscua e sexualizada e as *megeras* que podem ser vistas como o arquétipo da negra raivosa, ou a *mammie* que não deu certo.

Collins apresenta algumas formas que foram essenciais para a construção de um pensamento autodefinido para as mulheres negras, entre eles, a tradição do blues<sup>3</sup> e a literatura. Trazendo nesses meios uma voz que é construída a partir do “eu” e reflete dentro das comunidades negras, fazendo parte do processo do empoderamento coletivo dessas mulheres (COLLINS, 2019, 185).

O “eu” é de grande importância na forma como Patrícia Hill Collins trabalha a questão da autodefinição que é a chave para o empoderamento. Ela aponta que a transformação pessoal é a chave para uma transformação coletiva. Segundo a autora, uma massa crítica de indivíduos com consciência transformada pode promover transformações coletivas (COLLINS, 2019, 211).

O empoderamento dentro da epistemologia feminista negra é visto como um processo individual para promover mudanças estruturais, como define Joice Berth:

O processo de entendimento e desenvolvimento de cada uma dessas dimensões vai culminar no empoderamento dos sujeitos em simbiose com o empoderamento da coletividade. E esse processo além de necessário é indissociável das lutas por emancipação sociopolítica. (BERTH, 2018, 86).

Outro aspecto importante sobre a questão do empoderamento dentro do feminismo negro é o fato das intelectuais negras apontarem que antes da conceituação do termo, as mulheres negras já se articulavam de uma maneira que buscavam empoderar a si e à sua comunidade. Angela Davis aponta que o empoderamento não é algo novo para as mulheres negras que por quase um século se reúnem para construir estratégias coletivas rumo ao poder econômico e político delas (as mulheres negras) e de sua comunidade (DAVIS, 15, 2017).

Sabemos que em uma sociedade capitalista, com um mercado que apropria e coopta diversas pautas dos movimentos sociais, trabalhar a questão do empoderamento é algo bastante delicado. Entendemos que o termo empoderamento torna-se, muitas vezes, uma bandeira esvaziada de sentido político, vendendo uma ideia de que é possível empoderar alguém através do consumo e de forma exclusivamente individual, sem outros fins para a comunidade. Joice Berth alerta que:

Nesse contexto, as intenções iniciais do conceito de empoderamento sofrem grande perigo da inversão de valores propostos, de deturpação e uso como mais um instrumento de dominação incorporado a uma espécie de atualização do modus operandi do sistema que almejamos destruir. (BERTH, 2018, 85).

---

<sup>3</sup> No livro *Blues Legacies and Feminism Black* – 1998. Angela Davis trabalha a trajetória no blues de Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith e Billie Holiday, como elas traziam através do blues debates enquanto as questões de raça, gênero e sexualidade dentro das comunidades negras e para a classe trabalhadora. Hill Collins acentua essa importância do blues enquanto uma ferramenta usada pelas mulheres negras da classe trabalhadora para se autodefinirem e compartilharem suas experiências coletivas.

No entanto, trabalhamos aqui com os conceitos a partir da resignificação e pretensões do feminismo negro, por entendermos a importância da autodefinição e empoderamento, que busca trabalhar na construção de consciência individual das mulheres negras, autodefinição, autovalorização, independência, transformação do “eu” para a construção de uma consciência política que pode ter contribuições, não só na comunidade negra, mas em toda a sociedade.

Quando nós, enquanto mulheres afro-americanas, enquanto mulheres de minorias étnicas, continuarmos a subir em direção ao empoderamento, erguemos conosco nossos irmãos de minorias étnicas, nossas irmãs e irmãos da classe trabalhadora e, efetivamente, todas as mulheres que sofrem os efeitos da opressão sexista. Nossa pauta de ativismo deve abranger uma série ampla de demandas. (DAVIS, 2017, 23).

Entendemos, com base em Angela Davis que o empoderamento resignificado pelo feminismo negro abrange inúmeros grupos oprimidos, podendo assim, pensarmos raça, classe, gênero e sexualidade de maneira interseccional<sup>4</sup>, trazendo para a pauta de ativismo e análise todas as mulheres que sofrem as opressões sexistas, racistas e classistas e que, dialeticamente, desenvolvem formas de resistência e resignificação de suas imagens.

### **“TRAVESTI QUE SE DESCOBRE ESCRITORA AO TENTAR SER PUTA E PUTA AO TENTAR SER ESCRITORA”**

Minha história. Não a que deveria existir, ditada pelas leis e pelos manuais de psiquiatria, mas a que de fato existe, minha tão minha que de mais ninguém. E se eu fosse Amara? Bom, agora eu era. (MOIRA, 2017).

Amara Moira, travesti e doutora em letras pela Unicamp, publicou o livro “E se eu fosse pura?”, resultado de um compilado de textos publicados em seu blog e que marca dois grandes momentos na vida da autora: o processo de transição de gênero e o período em que a mesma trabalhou nas ruas como profissional do sexo.

*E se eu fosse pura?* se trata de uma autoficção que tem seu primeiro texto datado após o “nascimento” de Amara. A autora retrata em seu livro toda alteração percebida em seu contexto social após esse nascimento, uma vez que ela estava cursando o doutorado e decide que não pode adiar mais seu processo de transição. Após iniciar o processo, inúmeras mudanças ocorrem e junto com a transição vem a exclusão. Exclusão essa observada também no campo profissional; dentre as possibilidades disponíveis para as travestis, estão o salão de beleza, telemarketing e a prostituição. Amara se torna, dessa maneira, uma profissional do sexo e passa relatar suas experiências.

Dois níveis então de foda-se: não só me fazer como também dizê-lo em minúncias, gritar minha condição, escrever sobre a rua ao mesmo tempo que a vivo. Essa agora

---

<sup>4</sup> Outra teórica que aponta a importância da interseccionalidade é a Audre Lorde. Ela afirma que não devemos hierarquizar opressões, tendo em vista que diversas opressões podem perpassar um mesmo indivíduo, devemos tratá-las de forma interseccional. “Enquanto estivermos divididos por causa de nossas identidades particulares, não temos como estar juntos em ações políticas efetivas [...] Qualquer ataque contra as lésbicas e gays é um problema para as pessoas negras, por que milhares de lésbicas e homens gays são negros. Não existe hierarquia de opressão.” (LORDE, 2019, 236).

tão minha, essa que só meus olhos e cu e boca, essa onde eu era livre. (MOIRA, 2018, 34).

Amara aponta como um momento de liberdade o fato de transicionar, de ir para as ruas e fazer disso seu trabalho e dele sua escrita. O capítulo “O começo, ah, o começo...” é um momento crucial na obra, pois a autora coloca os dilemas ao entrar na prostituição, todos os estigmas que associam intimamente as travestis à prostituição, “me veem como travesti e já me imaginam puta, qual seu preço? (MOIRA, 2018, p. 117).

A obra nos permite transitar pelas ruas em que a autora exerceu sua atividade enquanto trabalhadora sexual, os bons dias e os maus dias. Sem romantizar a prostituição que é feita nas ruas, ela traz situações de humilhação, dificuldades, incluindo o frio e a violência, contudo, ela não demoniza a prostituição. A grande crítica de Amara não é a prostituição, mas sim a sociedade que relega as travestis à prostituição e aos estigmas que alimentam a transfobia e putafobia.

Ser travesti já nos torna tabu. [...] O olhar público, a família, o círculo social, às vezes até o trabalho pode estar em jogo, e só por estarem com a gente! A transfobia nos exclui, a prostituição nos abraça e a putafobia amplia a exclusão que já estamos sujeitas só por meramente existir. (MOIRA, 2018, p. 176)

No capítulo “A travesti e o amor que existe pra nós”, Moira reflete sobre a afetividade em relação às travestis em nossa sociedade, um grupo marginalizado que não tem direito ao amor, demonstrando que sair nas ruas com algum(a) parceiro(a) pode ser algo extremamente perigoso, uma vez que poderia colocar outras pessoas em risco. Diante disso, a autora afirma que para gostar de gente como ela é necessário desconstruir-se.

### **E POR FALAR EM PUTA... UMA PUTA ATIVISTA.**

Assim a prostituição é considerada pelo médico como uma ameaça que, transcendendo a extensão física do corpo, atinge a família, o casamento, o trabalho e a propriedade. (ENGEL, 1989, p. 16).

O livro “Putafeminista”, publicado em 2018 e escrito pela trabalhadora sexual, feminista, motorista de aplicativo e ativista, Monique Prada, é um marco no debate do putafeminismo aqui no Brasil, pois ele reacende o debate do putativismo e das organizações dessas mulheres e suas lutas por direitos trabalhistas, reconhecimento da prostituição enquanto trabalho sexual.

A obra traz em si uma reivindicação da memória do movimento de trabalhadoras sexuais no Brasil. É importante lembrar que tal movimento tem sua origem em pleno o período da ditadura civil-militar brasileira. Nesta obra, as prostitutas não aparecem enquanto objetos de discursos científicos ou acadêmicos, mas como agentes de luta contra os estigmas, marginalização e infantilização das prostitutas, que reivindicam sua autonomia no debate da prostituição.

Um feminismo que nos vitimiza e que pretende nos resgatar, negando nossa autonomia e nossa capacidade de escolha, e rechaçando violentamente a possibilidade de diálogo com aquelas de nós que não desejam a salvação oferecida. (PRADA, 2018, 33).

Monique Prada (2018) aponta para uma construção no imaginário coletivo de que as prostitutas estão estabelecidas em duas categorias engessadas; a primeira seria aquela em que as prostitutas são extremamente miseráveis, que fariam tudo por um prato de comida e a outra uma prostituta rica, sem consciência de classe e de si, ambos modelos caricatos e que não contemplam a gama de possibilidades e experiências, tendo em vista as diversas camadas de mulheres envolvidas no trabalho sexual. No entanto, algumas vertentes feministas e parte da produção acadêmica não são capazes de imaginar essas mulheres como produtoras de saberes e capazes de falar por si, de suas experiências. A autora questiona:

Mas o que seria representativo para a maioria? Quem? Seriam as mulheres que não exercem, nunca exerceram e nunca precisarão exercer a prostituição? Se não posso falar por nós, por que elas podem seguir falando por nós? (PRADA, 2018, 36).

A autora define o *putafeminismo* como um movimento que afirma o caráter feminista de alguns grupos de trabalhadoras sexuais, que lutam pelo combate ao estigma e por direitos, assim, questionando a forma como o debate da prostituição vem sendo feito de fora para dentro, negando os saberes, estudos e experiências do grupo em questão. Neste sentido, pensamos a atitude da autora como uma reivindicação do lugar epistemológico e de representação das trabalhadoras sexuais.

### **AS MULHERES DE CONCEIÇÃO SERÍAMOS NÓS? SEXUALIDADE E AFETIVIDADE EM OLHOS D'ÁGUA.**

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência”, e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, 18).

Conceição Evaristo, mulher negra e doutora em literatura comparada, nos traz o conceito de *escrevivência*, entendendo assim, que as experiências que o indivíduo vivência enquanto grupo afeta diretamente no seu processo de escrita, uma vez que suas escritas ficcionais não se desvinculam da sua realidade. Sendo uma mulher negra em uma sociedade racista, a autora nos diz que escreve suas vivências e as vivências de tantas outras mulheres negras.

*Olhos D'água* (2016) é um livro de crônicas da Conceição Evaristo. Na obra, a autora nos traz diversos temas que abordam, desde a miséria da população negra até a violência no morro. A escolha dos textos a seguir foi feita pensando as questões da raça, sexualidade e a forma como Conceição trata a sexualidade feminina.

Escolhemos três mulheres presentes na obra: Natalina e sua vida de doméstica, gravidezes indesejadas e barrigas de aluguel; Salinda e seu relacionamento abusivo que encontra sua libertação nos braços da bela moça de dreads; e Luamanda e seus amores.

O conto “*Quantos filhos Natalina teve?*” aborda questões complexas, como a violência sexual, a maternidade e o local da mulher negra em uma sociedade que determina como estas devem apresentar tal comportamento. Como exemplo, o trecho a seguir: “era sua quarta gravidez, mas seu primeiro filho”, demonstra o distanciamento em conceber uma criança e sentir-se, de fato, apta para ser mãe é inaugurado nas primeiras linhas. Natalina engravidou muito jovem e doou a criança, a inocência dela na época, em acreditar que uma moça que fazia abortos comia as crianças, acentua a sexualidade precoce. Em sua outra gravidez, o filho ficou com o pai e ela recusou o casamento. Na terceira, foi barriga de aluguel para os seus patrões e, na quarta, aquela criança que foi “concebida nos frágeis limites da vida e da morte”, resultado de uma violência sexual e logo em seguida de um assassinato, iria ser parido brevemente.

Salinda e sua libertação de uma relação abusiva, para viver um amor que só pedia o “direito de amar somente” e que encontra o amor em sua igual. Duas mulheres negras se amando, com inúmeros dreads. Evaristo nos traz em sua narrativa a imagem de duas aves fêmeas que mergulham uma na outra, se entregam e se amam, com a aprovação da tia de Salinda.

Luamanda, uma mulher que amou demais e foi violentada em uma relação abusiva perdeu o prazer. Posteriormente, reaprendeu a amar e a sentir prazer; encontrou amor em braços masculinos e femininos, com suas quase cinco décadas de vida e seus primeiros fios grisalhos iluminando seu rosto negro, ela ainda não desistira de encontrar o amor e continua essa eterna busca do amor-prazer, até na terceira idade.

Um ponto de convergência nos contos de Conceição é a humanização dos corpos femininos negros, pois a sexualidade aflora sem a hipersexualização. São mulheres que experenciam, amam, choram, vivem sua sexualidade e encontram seu próprio prazer. As mulheres negras são retratadas dentro dos limites, vida e morte, dor e amor, passado

e

presente  
(85) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br  
[www.desfazendogenero.com.br](http://www.desfazendogenero.com.br)

A comunicação entre o leitor e as personagens nos faz desejar reescrever alguns finais, livrando-as das tragédias da vida, tragédias essas que, na vida real, ninguém escapa. Desse modo, os contos se tornam capazes de constituir um ser coletivo (CUTI, 2010) que vivenciamos no nosso imaginário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tais experiências produziram marcas nestes corpos que agora escrevem.  
(SILVEIRA; FERREIRA, 2013, p.244)

Marília Silveira e Lígia Hecker Ferreira (2013) propõem um olhar através da psicanálise sobre a função da escrita. Um aspecto importante que as autoras apontam é o fato de que em diversos cenários a escrita serve para um encontro do sujeito com sua própria história. Essa escrita vem de pessoas com experiências e marcas, assim, a escrita é uma espécie de “coorporificação do sujeito, algo do invisível que constitui e que escapa da invisibilidade naquilo que escreve” (SILVEIRA; FERREIRA, 2013, p.249).

Silveira e Ferreira abordam a escrita como uma ferramenta que possibilita “falar de si através de um corpo que inventamos para protagonizar uma história”. Neste sentido, as autoras dialogam com Conceição Evaristo, quando a autora pensa a escrita afro-brasileira e fala de suas personagens ficcionais. Evaristo nos diz que, enquanto mulher negra, suas experiências de vida e de grupo fazem parte de seus escritos e personagens. Ela escreve de suas vivências, o que a autora chama de *escrevivências* (2009). Ainda nessa perspectiva de direito à existência, fala e escrita, pensamos a importância do *lugar de fala*. Djamilia Ribeiro (2017) aponta que a escrita e o ato de poder de falar “não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir” (RIBEIRO, 2017, p.64).

Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência, absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo. (RIBEIRO, 2017, P. 64).

Essa marcação de um lugar de escrita e de fala, que parte de um locus social em que as autoras estão situadas, é de grande importância para compreendermos as obras aqui escolhidas e como estas são importantes ferramentas para a autodefinição e empoderamento dessas mulheres.

Amara Moira, Monique Prada e Conceição Evaristo produzem obras de estilos literários diferentes. Trouxemos aqui uma autoficção, um ensaio e um livro de crônicas, em comum, as três autoras demarcam seu lugar social, o grupo as quais pertencem e

trazem novas imagens de si e das mulheres que fazem parte de grupos, historicamente, marginalizado; elas autodefinem suas imagens e estas distoam das imagens de controles promovidas pelo discurso hegemônico ao longo dos séculos.

Minha presença na sala de aula rompe com narrativas constuídas sobre trans como seres sem caráter e depravados. Não somos. (MOIRA, 2018)<sup>5</sup>

Amara enfrenta as imagens de controle humanizando às travestis, trazendo experiências cotidianas que são escritas em seu blog e, principalmente, afirmando que elas existem, exigindo sair da invisibilidade dos livros e dos estereótipos das ruas. Desta forma, através da escrita, a autora forja um lugar de existência (SILVEIRA; FERREIRA, 2013, p.249), Amara afirma que sua presença e obra, em locais que comumente não vemos travestis já é uma forma de romper com as narrativas criadas sobre os corpos das travestis.

Gritam contra a precariedade em que exercemos nossa atividade, mas não nos permitem lutar contra ela. Gritam sobre a objetificação de nossos corpos enquanto elas mesmas nos objetificam, calando nossas vozes. No papel que desejam nos impor, o de vítimas, não há espaço para que lutemos contra as opressões em nosso meio, tampouco contra o estigma que nos cerca. (PRADA, 2017)<sup>6</sup>.

Monique Prada em seu ensaio “Putafeminista” questiona a forma como o movimento de prostitutas é silenciado no país, ela reivindica que saiam do eterno papel de vítimas que não podem falar por si e mostra a luta histórica por direitos que foi protagonizada por prostitutas. Para Monique, uma forma de romper com os estigmas é ouvindo e conhecendo esse processo de luta dessas mulheres.

Quando a temática negra trata do folclore, ou não é tão reivindicativa, aí interessa. Mas quando questiona as próprias relações raciais no Brasil, é quase um tema interdito. Principalmente se isso é colocado pela própria autoria negra. Até então, os brancos podiam dizer a nosso respeito. Mas quando a gente se apropria do nosso discurso, da nossa história, isso é motivo de interdição<sup>7</sup>.

Conceição Evaristo (2018) contesta uma estrutura que escreve a história do negro através da narrativa branca, que interdita as escrituras negras, que impede e dificulta o discurso da mulher negra, quando este rompe com uma ideia folclorizada do que é ser mulher negra no Brasil. Evaristo faz da escrita uma forma de denuncia do racismo, das opressões de gênero e de classe, assim como uma maneira de reconstrução dessas mulheres negras enquanto seres diversos; através da sua subjetividade, ela respeita e humaniza o corpo negro, depois de séculos sendo animalizado.

<sup>5</sup> Amara Moira em entrevista ao site HUFFPOST. Disponível em <https://www.huffpostbrasil.com/2018/03/12/amara-moira-a-travesti-com-o-poder-da-palavra-que-virou-doutora-a-23383141/>

<sup>6</sup> Artigo de Monique Prada intitulado “PELO DIREITO DE TODAS AS MULHERES”, para o blog MÍDIA NINJA.

<sup>7</sup> Conceição Evaristo em entrevista a BBC NEWS. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>



## “OU SEJA, O LIXO VAI FALAR, E NUMA BOA”<sup>8</sup>

Vemos que uma grande luta da epistemologia feminista é o direito à voz. Voz esta que em um momento encontra sua forma de expressão na música e na literatura e embasa todo o pensamento que seria elaborado ,posteriormente, com mulheres se autodefinindo e se empoderando, para promover mudanças coletivas.

Assim que aproximamos as obras *E se eu fosse Pura?*, *Putafeminista* e *Olhos D’água*, entendemos essas escritas como ferramentas nesse processo de reivindicação de escrita e de fala que, como aponta Patrícia Hill Collins (2019), contribuem diretamente para a autodefinição das mulheres negras. Utilizamos os conceitos do feminismo negro e ampliamos para pensarmos a condição das mulheres negras, das prostitutas e das travestis, por entendermos, junto a Angela Davis (2017), que o empoderamento de mulheres negras é uma ferramenta que engloba todas as minorias étnicas, da classe trabalhadora e que sofrem opressões sexistas, uma vez que esses grupos ainda sofrem atualmente com os estigmas, estereótipos e silenciamento.

As autoras reivindicam seu lugar de fala, questionam o lócus social e a hierarquização de saberes, propondo visões “de dentro”, levantando questionamentos e enfrentando as imagens de controle. Bell Hooks em seu livro “Olhares Negros: raça e representação” (2019) define sua escrita e sua fala como gesto de desobediência política. Nesse contexto, autora afirma que:

Olhares negros: raça e representação são gestos de desobediência. Eles representam minha luta política para ampliar as fronteiras da imagem, encontrar palavras para expressar o que vejo, em especial quando observo formas que vão contra a corrente, quando estou vendo coisas que a maioria das pessoas simplesmente não quer acreditar que estão ali [...]. (HOOKS, 2019, P. 37).

Iniciamos este trabalho com vários questionamentos, porém não será possível responder a todos, contudo, encontramos nessas obras uma resposta e quando questionamos “o que essas mulheres diriam?”, podemos apontar que elas dizem o “não dito”, trazem novas leituras de si, dos seus corpos, de suas profissões, de sua subjetividade; elas dizem o que muitos não querem acreditar e não querem ouvir. Elas falam da vida, da morte, do trabalho, da dor, das alegrias, dos desejos, dos sentidos, falam de seus grupos, falam da nossa sociedade. Falam sobre tudo.

Falam!

---

<sup>8</sup> Lélia Gonzalez em *Racismo e Sexismo na cultura brasileira*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem.2009.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água. – 1. Ed.** – Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840- 1890)**. – 1º ed. 1989 - Ed. Brasiliense.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Acesso em 25 ago.2019. disponível em <https://afroteca.blogspot.com/2013/07/racismo-e-sexismo-na-cultura-brasileira.html>.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**, trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios cotidiano de racism**. Rio de Janeiro. Cobogó, 2019.
- LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. pp. 235-249.
- MOIRA, Amara. In. **Vidas Trans**– Bauru, SP: Astral Cultural, 2017. Org. Amara Moira... [et al]. pp. 17-55.
- MOIRA, Amara. **E se eu fosse pura**. – São Paulo: Hoo Editora, 2018.
- NGOZI, Chimamanda Adchie. **O perigo de uma história única**. 2010. Geledés. Disponível em <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>. Acesso em 30 ago. 2019.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. Escrivivência em becos da Memória de Conceição Evaristo. **Estudos feministas** – Florianópolis, 2009. p. 621-623. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>. Acesso em 20 ago.2019.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. Trad. Denise Bottman. – 7º ed. – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017. P. 177-249.
- PRADA, Monique. **Putafeminista**. – São Paulo: Veneta, 2018. (Coleção Baderna).
- PRADA, Monique. **Direitos humanos para humanas direitas – Nada de novo no front**. Disponível em: <http://midianinja.org/moniqueprada/direitos-humanos-para-humanas-direitas-nada-de-novo-no-front/?fbclid=IwAR3GveAHpDkikwJzZ-uUJePrNPrK5lUXAM01n0a7TAjU5w2VOMquNC3cGzc>. Acesso em 22 ago. 2019.
- RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte (MG). Letramento. 2017.